



Dr. Benedito, o ex-prefeito de uma cidade que se renova e cresce

Benedito, memória viva da cidade

Terno cinza, sapatos marrons bico fino, chapéu de feltro, o distinto senhor caminha empertigado em pleno sol pela rua que ele próprio mandou construir à picareta, respondendosolemnemente aos cumprimentos de seus conterrâneos.

— “Bom dia, doutor Benedito!”

— “Bom dia, meu fi-

lho...”

O personagem de traje completo à antiga é o ex-prefeito luzianense Benedito Araújo Melo, de 86 anos, uma das testemunhas vivas da história de Luziânia e uma das reservas morais do município. Com passos firmes, ele conduz o repórter à sua casa estilo colonial que fica ao lado da Igreja de Santa Luzia, a padroeira da cidade.

— “Não repare a simplicidade porque é casa de pobre...”, são as palavras de Benedito ao nos introduzir ao seu casarão pintado de azul e branco, salas enormes de mobiliário antigo, tudo imaculadamente limpo. A voz é incrivelmente firme para quem tem quase 90 anos “bem vividos”, como ele faz questão de esclarecer. E a memória é mais surpreendente ainda, relembrando detalhes ocorridos há 63 anos atrás. Informados de que ele assumira a prefeitura local aos 22 anos de idade, quando ocupava a presidência da Câmara Municipal, substituindo o prefeito assassinado, ele retifica a ordem dos fatos.

— “Assumi, sim, a prefeitura, mas eleito pelo voto do povo, a 6 de julho de

1924. E eu não era presidente da Câmara e sim secretário. Com a morte do prefeito Nestório Ribeiro, assassinado por motivos familiares, foi necessária realizar uma nova eleição, quando meu nome foi indicado por meu partido. O prefeito foi assassinado no ano anterior, em 1923...”.

Com uma postura profissional, mas sem qualquer arrogância na fala ou nos gestos, o ex-prefeito Benedito Araújo Melo é o resumo de um político vocacionado da velha geração, que ascendeu a cargos mais pela imposição de seus eleitores do que por sua própria vontade. Respeitável membro do Partido Democrata luzianense, “o partido do Calado”, Benedito foi eleito deputado estadual em 1929 e cassado um ano depois com a Revolução de 30. Com a queda da ditadura getulista em 1946, elege-se no ano seguinte à Assembleia Legislativa, quando foi elaborada a nova carta estadual: “Goiás teve a sua Constituinte, de cunho muito liberal. E me orgulho de ter participado nessa elaboração”. Sempre figurando como oráculo da política de sua cidade, mais uma vez volta a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal, agora em 1970.

— Quiseram que me candidatasse outra vez, mas preferi deixar a vaga para outros mais jovens...”, lembra Benedito.

Na comparação do passado de 60 anos atrás com o presente, Benedito não vê muita diferença: o ambiente esquenta com a proximi-

dade das eleições, com panorama bastante agitado. Critica a “invasão” dos candidatos brasilienses, garantindo que esse procedimento “não é muito ético”. Mas descontra quando perguntamos: não se trata de uma réplica ao que acontecia até as eleições anteriores, com os candidatos de Luziânia recrutando eleitores em silla? Muda de assunto, fala de Juscelino como “o maior presidente que o Brasil já teve”. Embora que quando assumiu a prefeitura de sua cidade, em 1924, o total de eleitores era de 1.800 e a arrecadação municipal de 21 contos de réis. Diz que Brasília é a razão de ser de Luziânia. Mas dá o troco:

— “Luziânia poderia se denominar a Brasília velha. Daí parti tudo para a construção de Brasília. Aqui se estabeleceu a comissão para desapropriação amigável das terras que formariam o Distrito Federal. Daí saiu todo o material para construir a nova capital. O rio Corumá foi e continua sendo o maior benfeitor de Brasília. Até hoje esse rio produz muita areia e cascalho para a construção de Brasília. Por tudo isso, também amamos Brasília. Mas não a tal ponto que não possamos ter um programa eleitoral gratuito na televisão de nossos próprios candidatos. O nosso eleitor, que sempre foi desinformado e pouco politizado, vai ficar mais confuso ainda. Alguém precisa resolver esse assunto...”